

Do risco no Alpinismo de alta Montanha

Ana Luísa Pereira*

Resumo

É frequente ouvir falar da morte de alpinistas que tentam ascender a altas montanhas. Em 2006 isso aconteceu a um alpinista português durante a descida do Shishapangma, uma das 14 montanhas dos Himalaias com mais de 8000m. Tendo em conta a morte deste alpinista, e tantas outras que ficam por relatar, pensamos que a temática do risco no âmbito de determinadas actividades físicas e desportivas, entre as quais o alpinismo, continua muito actual. Assim sendo, o nosso objectivo é abordar o risco no âmbito das actividades físicas e desportivas, mais precisamente no alpinismo de alta montanha, enquanto elemento inerente à própria prática. Isto é, o risco enquanto parte integrante e até mesmo fim da própria prática. Para tal, é tomado em consideração o que esta actividade significa para aqueles que a praticam, analisando o modo como esses significados são investidos. Depois de fazer uma breve caracterização do alpinismo de alta montanha enquanto prática de risco, o nosso percurso efectua-se com os seguintes pontos: i) controlo do risco *vs* controlo da vida; ii) a tomada de risco como forma de transgressão; iii) a aventura no alpinismo de alta montanha; iv) o risco como estetização da experiência; v) o alpinismo de alta montanha como forma de superação e transcendência e vi) reconhecimento social e distinção. Esta enumeração não teve como objectivo isolar sentidos ou significações, mas o modo como a discussão e reflexão se desenvolveram permitiu perceber que todos estão interligados.

Palavras-chave: risco, alpinismo de alta montanha, sentidos da prática.

Introdução

É frequente ouvir falar da morte de alpinistas que tentam ascender a altas montanhas. Em 2006 isso aconteceu a um alpinista português durante a descida do Shishapangma, uma das 14 montanhas dos Himalaias com mais de 8000m. Tendo em conta a morte deste alpinista, e tantas outras que ficam por relatar, pensamos que a temática do risco no âmbito de determinadas actividades físicas e desportivas, entre as quais o alpinismo, continua muito actual. Assim sendo,

* Professora da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Investigadora do Instituto de Sociologia da Faculdade de Letras da mesma Universidade.

pretendemos com este trabalho abordar o risco no âmbito das actividades físicas e desportivas, mais precisamente no alpinismo de alta montanha, enquanto elemento inerente à própria prática. Isto é, o risco enquanto parte integrante e até mesmo fim da própria prática.

Temos como objectivo compreender e entrever alguns dos sentidos possíveis para a tomada de risco no alpinismo de alta montanha. O nosso enfoque não é contudo numa apresentação detalhada da análise dos dados, apenas utilizaremos alguns extractos dos mesmos (que serão devidamente assinalados) para reforçar os nossos argumentos¹. Preferimos desenvolver o nosso argumento teórico sobre a tomada de risco no alpinismo de alta montanha no sentido de iluminar debates acerca do risco no desporto. No entanto, antes de nos determos sobre o alpinismo de alta montanha, é importante situar social e culturalmente o conceito de risco, tendo como base autores como Beck, Giddens, Lash e Douglas.

Risco e sociedade

Nos últimos anos foram publicadas inúmeras obras no âmbito das ciências sociais acerca da teorização do risco. As ideias de Beck (ex., 1992; 2000b) e Giddens (ex., 1995; 2000) provaram uma influência particular naqueles que lidam com os conceitos de ‘sociedade de risco’ e ‘modernização reflexiva’. Na realidade, é com certa recorrência que as sociedades contemporâneas são consideradas de risco. Mostram-nos claramente análises que vêm sendo desenvolvidas por autores como os citados ou ainda N. Luhmann, Z. Bauman ou M. Douglas.

O conceito contemporâneo de risco está associado à sociedade de risco e às incertezas manufacturadas, referindo-se a um tipo particular de conhecimento sintetizado e desconhecimento (Beck, 2000b). Enquanto que nas sociedades tradicionais a confiança era depositada nas pessoas, que acreditavam em prescrições religiosas, na actualidade são os ‘sistemas abstractos’ que parecem proporcionar um mínimo de segurança. Associado a toda a acção humana que exija decisão, o risco revela-se tanto mais eminente e ameaçador, quanto mais as formas de operar escapam a contextos estruturados e definidos, como tendem a ser as situações normais da existência na modernidade (Teixeira Fernandes, 2002). É devido, então, à incapacidade do homem controlar e monitorizar o mundo actual, sob o ponto de vista social, económico, político ou da própria natureza, que este se pode considerar de risco.

¹ Este artigo faz parte de um trabalho mais vasto incluído nas provas de doutoramento da autora. Aí são descritos e expostos os pressupostos teóricos e a metodologia para a recolha e tratamento dos dados. Neste artigo coibimo-nos de explicitar as falas dos intervenientes, 20 alpinistas. Para mais informações podem consultar-se os seguintes trabalhos da autora: Pereira (2004) Para uma visão fenomenológica do corpo contemporâneo. Contributo a partir do alpinismo e das ginásticas de academia. *Dissertação de Doutoramento*. Porto: FCDEF-UP (2004); Pereira (2005a) ‘The experience of risk in high-altitude climbing’, *World Leisure* 47(2): 38-49 (2005a); Pereira (2005b) “O alpinismo: uma experiência no (pelo) corpo”, *RPCD* 5(3): 311-321.

Pode afirmar-se que o mundo contemporâneo está, essencialmente, marcado por riscos de criação humana, daí que Beck (1992) nos alerte para emergência de uma sociedade de risco. De modo semelhante, Giddens (1995) refere que a noção de risco teve origem na compreensão de que os resultados inesperados podem ser consequência das nossas próprias actividades e decisões, em vez de exprimir propósitos ocultos da natureza, ou intenções infáveis da divindade.

De uma forma abreviada, o conceito de sociedade de risco tem, para Beck, três áreas de referência. Na primeira, está a relação da sociedade industrial moderna com os recursos da natureza e da cultura; na segunda, está a relação da sociedade com as ameaças e os problemas por elas produzidos, que excedem os fundamentos das ideias sociais de segurança e, na “terceira, as fontes de significado, tanto colectivas como específicas de certos grupos (por ex., a consciência de classe ou a fé no progresso), que existem na cultura da sociedade industrial estão a sofrer de exaustão. (...) Espera-se que as pessoas vivam com uma grande variedade de riscos diferentes, pessoais e globais e mutuamente contraditórios” (Beck, 2000a, p. 7).

O risco tornou-se conatural à existência de hoje, porque vivemos rodeados pela ambiguidade e pela contingência; mas uma contingência estimulada pela permanente crítica. Assim, a sociedade de risco caracteriza-se por ser, tendencialmente, uma sociedade autocrítica, que apela a uma ‘modernidade reflexiva’. Uma modernidade de transição autónoma, indesejada e imperceptível da sociedade industrial para a sociedade de risco. Uma sociedade em que se percebe uma auto-confrontação com os efeitos da sociedade de risco, que não podem ser resolvidos nem assimilados pelo sistema da sociedade industrial, nem medidos pelos modelos institucionalizados desta última (Beck, 2000a). Assim sendo, o conceito de risco caracteriza o estado peculiar, intermédio entre a segurança e a destruição, em que a percepção de riscos ameaçadores determina o pensamento e a acção.

Não obstante a indubitável influência das perspectivas do risco adoptadas por Beck e Giddens, é de salientar que ambos os autores enfatizam, sobretudo, a natureza do risco num nível político e estrutural. Por esse motivo, têm sido criticados pelo seu modelo racionalista e individualista do actor humano e pela sua tendência para generalizar. Esta generalidade abstracta tende a obstar uma atenção ao indivíduo concreto, já que o conceito de indivíduo é quase metafísico. Em resposta, Lash (1993) chama a atenção para os modos como as pessoas respondem emocional e esteticamente ao risco, como membros de subgrupos culturais em vez de indivíduos atomizados. A sua abordagem está em oposição à tese da individualização, ao assegurar a importância de se pertencer a um grupo para a estruturação das respostas ao risco. Lash assinala o papel desempenhado pelas assumpções desarticuladas, valores morais e práticas nas respostas das pessoas ao risco. O autor argumenta que estes aspectos são partilhados e desenvolvidos através de aculturação e, frequentemente, são não-reflexivos,

pois não são tomados como garantidos. Lash (1993) considera, ainda, que a contradição, ambivalência e complexidade estão longe de ser parte da resposta individual ao risco, tal como é defendido por Beck e Giddens.

Também Douglas e Wildavsky (1983) contribuíram para o discurso do risco ao analisarem o modo como a cultura e a ideologia moldam as definições sociais do perigo. Os autores descrevem perspectivas do risco, não como reflexos da realidade objectiva, mas como um fenómeno cultural que reflecte valores sociais e de grupo, que devem ser interpretados à luz das suas funções culturais vastas. Existe, assim, uma forte crença de que a ‘cultura’ é crucial para a percepção do risco.

É notória a influência dos estudos de Mary Douglas na investigação sociológica, pois têm vindo a aumentar o número de trabalhos que pretende estudar os modos como as pessoas tomam consciência e respondem a riscos específicos, demonstrando a existência de lógicas de risco dentro de espaços sócio-culturais e históricos particulares. Tierney (1999), por ex., argumenta que a percepção do risco individual depende usualmente da representação social que pode ser uma forma condicionada culturalmente de ver o mundo e os acontecimentos que nele tomam lugar. Também para Lupton e Tulloch (2002b), os conhecimentos leigos de risco tendem a ser altamente contextualizados, localizados e individualizados e reflexivamente cientes da diversidade e mudança. Isto deve-se ao facto da pertença a uma rede cultural ou social e a grupos ser importante na construção e significado das lógicas de risco. Este tipo de investigação desafia alguns aspectos da tese da ‘sociedade de risco’, particularmente as considerações que tendem a generalizar o modo como os ‘modernos tardios’ respondem ao risco. Porém, pouco tem sido feito para investigar os modos como as pessoas percebem e definem o risco. Esta escassez não é de estranhar, pois mesmo entre os investigadores das várias áreas científicas que se debruçam sobre a temática do risco não parece existir um consenso em torno do conceito. Não obstante, todos os conceitos de risco têm um elemento em comum: a distinção entre realidade e possibilidade. Ao aceitar-se esta distinção, o termo ‘risco’ está frequentemente associado à possibilidade de um indesejável estado de realidade poder ocorrer como resultado de eventos naturais ou de actividades humanas (Renn, 1998). A noção de risco é, então, inseparável das ideias de probabilidade e de incerteza, descrevendo situações cujo resultado é parcial ou completamente desconhecido, com a possibilidade desse resultado envolver potencial risco (Giddens, 2001a). Isto é, a incerteza surge em situações em que as escolhas têm que ser feitas com base em informação incompleta, não permitindo, portanto, que a evolução da situação seja claramente determinada.

Porém, o risco, para além de comportar um lado negativo, comporta, também, um lado positivo – a probabilidade de alcançar as vantagens esperadas. Não obstante, no âmbito das ciências sociais predominam os estudos sobre as desvantagens da tomada de risco. De facto, a investigação sobre o risco tende

a abranger uma série de tópicos e estudos que estimam quer a probabilidade dos acontecimentos, quer a probabilidade dos seus efeitos, incluindo perdas económicas, mortalidade, morbidade, ou políticas públicas. Neste sentido, a noção de risco está, essencialmente, relacionada com consequências negativas de determinadas acções. Mas existem áreas de acção humana onde a tomada de riscos, bem como os seus resultados, podem ser percebidos como positivos, nomeadamente na prática de determinadas actividades físicas e desportivas. Na realidade, as actividades físicas de busca de risco são hoje muito populares entre milhões de pessoas do mundo inteiro. As actividades de lazer de risco, também referidas como ‘desportos extremos’, tornaram-se num fenómeno global, com exemplos que incluem *base jump*, escalada, *surf*, *rafting*, montanhismo, mergulho, entre muitos outros.

Tendo em conta que pretendemos compreender os sentidos da tomada de risco no alpinismo de alta montanha, é necessário considerar o que esta actividade significa para aqueles que a praticam, analisando o modo como esses significados são investidos. Naturalmente que isto não quer dizer que seja possível isolar as significações, pois os sentidos da actividade estão interligados.

O alpinismo de alta montanha

A nossa reflexão está centrada no alpinismo de alta montanha porque é considerado uma das actividades desportivas mais perigosas do mundo. Embora seja difícil obter estatísticas precisas acerca dos acidentes fatais no alpinismo, a verdade é que alguns dados são reveladores. Nas expedições ao Everest, por ex., morre 1 em cada 8 indivíduos e por cada 4 que atingem com sucesso o cume há 1 que perde a vida. Para além disso, não deve haver um único alpinista himalaiano que não tenha perdido um amigo num acidente na montanha ou que não tenha participado numa expedição onde tenha ocorrido um acidente fatal. É ainda de salientar que alguns jornais da área do alpinismo, como por ex. o *Mountain*, têm uma secção regular de obituários (Williams e Donnelly, 1985). Antes de continuarmos, porém, é importante fazer uma breve descrição desta actividade, no sentido de melhor enquadrar a nossa reflexão.

A prática do alpinismo pode ser classificada com base na altitude da montanha a escalar, no tipo de terreno em que se progride (rocha, gelo, neve ou misto) ou na dificuldade técnica atribuída às vias de ascensão. Tendo em conta que nos referimos ao alpinismo de alta montanha, focaremos a nossa atenção sobre os aspectos relativos à altitude². Assim, o alpinismo de muito elevada

² Uma das classificações possíveis é a proposta pelo *American Alpine Club Journal Altitude Medicine* (in Hultgren, 1997) i) entre 1500-2440 m: Altitude Intermédia; ii) entre 2440-4270 m: Altitude Elevada; iii) entre 4270-5490 m: Altitude Muito Elevada e iv) entre 5490-8848 m: Extrema Altitude.

e de extrema altitude (acima dos 5500m) pressupõe que a ascensão se realize em ambientes de alta montanha caracterizados pelos seus terrenos mistos, isto é, ascensões efectuadas em terrenos de rocha e neve e/ou gelo, utilizando instrumentos específicos e muito técnicos para a progressão no terreno.

As características geográficas e geológicas dos ambientes em que se desenvolve a prática do alpinismo, bem como as suas especificidades, tornam-no numa actividade singular que coloca, muito frequentemente, o praticante em risco. Em primeiro lugar, porque é uma actividade que se realiza num ambiente natural de grande altitude caracterizado por escarpas rochosas ou mistas de elevada pendente e/ou cascatas geladas e com diversos riscos subjacentes. Estes riscos podem incluir queda de pedras ou blocos de gelo, avalanches, ventos fortes e frios, nevões, entre outros, podendo ser ou não previstos, mas impossíveis de eliminar, uma vez que, apesar da precaução do alpinista, são parte integrante deste contexto natural. Desataque-se que a estas altitudes os alpinistas estão muito perto dos limites fisiológicos de sobrevivência, mesmo que devidamente aclimatados³, devido às extremas condições de rarefacção de oxigénio e às reduzidas temperaturas. Em segundo lugar, a prática do alpinismo desenrola-se num ambiente que solicita frequentemente a utilização em simultâneo dos membros superiores e inferiores, tornando-o, por isso, numa actividade fisicamente exigente e tecnicamente complexa. É a combinação destes dois factores que torna o alpinismo distinto de tantas outras actividades.

De acordo com o exposto, é consensual que são inúmeros os riscos a que o alpinista está sujeito na prática da sua actividade, podendo ser apontadas pelo menos três ordens de factores que conferem risco a este tipo de actividade: os factores inerentes ao meio, as características da actividade e o próprio sujeito enquanto elemento activo. O alpinismo de alta montanha implica, por isso, grande preparação física e mental, conhecimentos consideráveis e um cálculo cuidadoso das probabilidades. Ou seja, exige treino, experiência e aprimoramento constante da técnica. Na realidade, pese embora não haja nenhuma estrutura competitiva institucionalizada, o alpinismo tende a funcionar de modo semelhante a outros desportos; basta considerar a existência de níveis de dificuldade e níveis de altitude para a própria classificação da modalidade⁴.

Os factores de risco referidos remetem-nos para a distinção que frequentemente se faz entre riscos objectivos e riscos subjectivos. Os primeiros referem-se a fenómenos do mundo natural que podem ter efeitos danosos,

³ Em termos biológicos, a aclimação à altitude é entendida como um processo complexo de respostas adaptativas que permitem ao ser humano, a médio e a longo prazo, ajustar-se gradualmente às condições de hipóxia, melhorar a sua performance física e aumentar as possibilidades de sobrevivência nestes ambientes hostis (Hochachka, 1998).

⁴ Donnelly (1994) refere mesmo a existência de dois tipos de competição: directa e indirecta. A primeira está relacionada com as primeiras ascensões de montanhas ou as rotas específicas da ascensão e a segunda baseia-se no estilo ou na qualidade da ascensão.

e os segundos estão relacionados com as crenças e opiniões das pessoas, frequentemente díspares das avaliações científicas e do conhecimento pericial, na medida em que as pessoas compreendem e julgam o risco em termos pessoais. Ou seja, os riscos subjectivos reenviam-nos para a imaginação e para as crenças individuais. Tal como é defendido pela teoria cultural, a identificação dos riscos é um processo inteiramente sócio-cultural (Douglas e Wildavsky, 1983).

Também no alpinismo de alta montanha existe, por parte dos alpinistas, uma distinção entre os riscos objectivos e subjectivos. Assim, os factores inerentes ao meio são considerados riscos objectivos, isto é, os riscos incontrolláveis, tais como “*os desprendimentos de pedras que podem estar sempre a acontecer*”⁵, ou a “*falta de oxigénio, a diferente pressão atmosférica e o frio*”. Os riscos relacionados com o indivíduo enquanto elemento activo são compreendidos como subjectivos: os conhecimentos e o nível técnico que o alpinista detém e considera deter, em face dos quais decide o que e como fazer.

A tomada de risco no alpinismo de alta montanha

Os alpinistas consideram os factores de risco referidos como elementos inerentes à sua actividade. Mesmo que frequentemente não lhes queiram dar importância, subsiste uma concordância generalizada entre os alpinistas de que quando param para pensar, percebem que realmente existe! Parece não haver dúvida de que esta é “*uma actividade com risco real*”, pois a partir do momento em que calçam os *crampons*, sabem que vão encontrar risco. Na montanha, como dizia um alpinista, “*o risco está na minha frente*”. De modo que se pode afirmar que o risco é inerente ao alpinismo, constituindo-se, talvez, como parte integrante do prazer inerente à sua prática. Como notam Williams e Donnelly (1985), o risco parece ser a essência que atrai os alpinistas para esta actividade, mantendo-os envolvidos e, eventualmente, o que os levará ao abandono.

Controlo do risco vs controlo da vida

À questão: “Como é que os alpinistas se sentem acerca do risco na montanha?”, um alpinista que já alcançou o cume do Everest responde: “*Eu procuro sentir algum risco, mas, mais do que isso, procuro controlar esse risco*”. A resposta deste alpinista, o mais conceituado alpinista português⁶, revela uma das possíveis explicações para a aceitação e mesmo busca de risco na sua prática: a dimensão do controlo de si próprio perante situações de risco.

⁵ Extracto de entrevista a um alpinista. Os extractos seguintes serão assinalados no texto através do destaque da fala em itálico e entre aspas.

⁶ Um dos sujeitos que fez parte de estudos da autora e já referidos.

Esta dimensão é um dos aspectos apontados por Lyng (1990) no seu trabalho sobre *edgework*, onde o autor apresenta uma abordagem para a compreensão da tomada voluntária de risco. As actividades que se podem classificar dentro do conceito de *edgework* têm uma característica central em comum: todas envolvem uma clara ameaça ao bem-estar físico ou mental ou à sensação de existência ordenada, estando a ameaça de morte ou dano sempre presente. Ao desenvolver este conceito, Lyng (1990) enfatiza que as qualidades individuais e as capacidades relevantes para a experiência de *edgework* são, acima de tudo, características de natureza cognitiva, uma forma especial de controlo mental. Tal como os participantes do estudo de Lyng (1990), também os alpinistas enfatizam a questão do controlo mental sobre situações limite. Para os alpinistas, a sensação de que estão a controlar toda a situação é essencial, revelando-se como algo que confere sentido à actividade. Ou seja, gostam de sentir que estão a controlar situações que a maioria das pessoas consideraria como totalmente incontroláveis. É esta capacidade que os *edgeworkers* acreditam ser a determinante do sucesso ou fracasso na negociação do limite, sendo a oportunidade de exercitarem as ‘capacidades de sobrevivência’ o que eles mais valorizam (Lyng, 1990). Sob o conceito do *edgework*, os alpinistas sentem-se auto-actualizados, na medida em que experimentam uma sensação de autonomia pessoal nas suas acções, dado que os seus comportamentos não são coagidos por constrangimentos normativos ou estruturais do seu ambiente social.

Num mundo que assume cada vez mais o controlo sobre inúmeros aspectos da vida privada, o alpinismo é uma actividade que fornece aos seus praticantes a sensação de controlo da sua vida, mesmo que somente durante as expedições aos mais altos cumes e mesmo que esta sensação seja ilusória. Este mesmo desejo, o de encontrar espaços privados e de autonomia, já tinha sido argumentado por Weber (1922). Para o autor, os seres humanos, em face de uma crescente racionalização, procuram criar áreas nas suas vidas onde outras possibilidades, governadas por outras regras, possam ser encontradas e onde possam experimentar alguma autonomia, algum re-encantamento. Podemos considerar o mundo do alpinismo como um desses espaços privados que permite restaurar, mesmo que momentaneamente, a sensação de espontaneidade e a crença no controlo pessoal. O cultivo da tomada de risco, neste contexto, é visto como algo que providencia uma oportunidade para os indivíduos colocarem em prática a sua coragem, de controlar o medo, de provar algo a si próprios, o que lhes permite viver com a sensação de agência pessoal.

Embora possam procurar activamente por situações de risco, os alpinistas não o fazem pelo ‘gozo’ dos resultantes sentimentos de receio, procuram, sim, controlar essa sensação. O que de facto parecem apreciar é a exaltação que se segue ao controlo de uma situação, à partida incontrolável. A maior satisfação ou sentimento de competência resulta do facto de se ser capaz de controlar o, aparentemente, incontrolável. Adicionalmente, na opinião de Lyng (1990), o

edgework é uma das poucas experiências da vida moderna em que o ‘sucesso’ pode ser inequivocamente atribuído à capacidade individual. Esta ideia é reiterada nos estudos de Lupton e Tulloch (2002a; 2005), nos quais parece ficar evidente que as noções de controlo permanecem centrais para a tomada de risco, constituindo-se como parte importante do prazer.

É ainda de realçar que a tomada de risco voluntária encerra em si a ideia de escolha. Este é um aspecto que não pode ser descurado. Pelo contrário, é a afirmação da possibilidade de uma escolha e, portanto, de uma dominação, de um controlo individual sobre o risco vivido. Esta afirmação autoriza um balanço da relação com o risco que não é submetido, mas escolhido (Peretti-Watel, 2003). O risco torna-se então valorizado, independentemente das suas consequências. Esta valorização é perceptível no modo como os alpinistas relatam as suas experiências anteriores e das quais terão resultado, por ex., marcas permanentes no corpo. É com orgulho que se narram certas experiências e proezas conseguidas, tais como o alcançar do cume do Evereste, mesmo que essa conquista tenha provocado congelamentos nos dedos ou no nariz⁷. Nem por isso esses alpinistas deixaram de participar em expedições. Ao contrário, a memória do acontecimento (êxito) está recolhida profundamente na carne e nos músculos, ficando guardado um traço indelével sobre o seu corpo. Aí se inscreve a prova da investida perigosa, isto é, uma marca tangível sobre a pele, o melhor cartão de identidade para o homem que procura sempre os limites (Le Breton, 2000).

As condições de controlo existentes nas sociedades contemporâneas parecem promover, para além da necessidade de controlar a própria vida, a necessidade de transgredir às restrições impostas pelo quotidiano.

A tomada de risco como forma de transgressão

A sociedade de risco invocada por Beck revela, de certa forma, um sentimento de insegurança latente, mesmo a nível individual. Gera-se, portanto, um aprofundamento da dependência dos peritos, os que detêm o conhecimento pericial e, conseqüentemente, o poder para decidir. Pode mesmo dizer-se que todas as áreas da actividade social se tornaram governadas por decisões estabelecidas com base nas pretensões do conhecimento pericial de um ou outro tipo. Neste sentido, embora Giddens e Beck defendam que é obrigatório escolher, as decisões que cada um tem que tomar encontram-se restringidas a um leque de opções não seleccionadas individualmente. Mais do que isso, as escolhas devem ser feitas dentro do que é aceitável no contexto social em que cada um se insere. Embora todos os comportamentos sociais se tenham tornado potencialmente da

⁷ Dois dos alpinistas que fizeram parte dos estudos anteriores sofreram congelamentos nos dedos e um deles também no nariz, que obrigaram a intervenções cirúrgicas.

responsabilidade individual, é necessário que os envolvidos demonstrem um comportamento racional, organizado, controlado e reflexivamente monitorizado de acordo com as suposições, objectivos, requisitos e procedimentos institucionalmente prevalentes (Giddens, 2001b). Neste contexto, o indivíduo ‘nascido na massa’ tentará reencontrar os meios de afirmar uma identidade, de romper com o anonimato em protesto contra as conformidades e os adestramentos da sociedade que o agastam. Esta tentativa poderia ser considerada de protesto ou mesmo transgressão, não fosse um dos imperativos da sociedade reflexiva o de cada um construir e re-construir continuamente a sua narrativa identitária.

Não obstante, a tomada de risco no alpinismo é sentida pelos praticantes como uma forma de transgressão, quanto mais não seja porque desafiam a morte. O confronto com a morte, que é real no alpinismo de alta montanha, constitui-se como uma das mais importantes situações de marginalidade da modernidade, uma vez que pode ameaçar a organização básica da sociedade. Sem dúvida que a morte é algo que se tenta evitar o mais possível nas sociedades contemporâneas, não apenas pelas políticas de prevenção e pelos avanços na medicina que aumentam cada vez mais a esperança de vida, mas igualmente pela tentativa de a tornar cada vez menos visível. Como refere Bauman (1992), a morte já não faz parte da vida moderna; foi isolada e, de tal forma medicalizada, que foi removida do espaço público.

Pode então dizer-se que existe uma relação entre este deliberado confronto com a morte no alpinismo de alta montanha e a segurança ontológica. Na realidade, muitos seres humanos têm uma necessidade de segurança para a continuidade da sua identidade pessoal e constância dos ambientes sociais e materiais envolventes (Giddens, 1995). Porém, a sociedade parece não mais providenciar símbolos de sentido e de valores que permitam a construção de uma identidade pessoal. E quando a sociedade falha nesta função antropológica de orientação da existência, essa segurança ontológica fica em causa (Le Breton, 2000).

As tomadas de risco adquirem, então, uma importância sociológica considerável. Talvez como uma das formas de representação da morte a que Shilling (1997) se refere, já que devido às circunstâncias da nossa sociedade face à morte, surgiu a necessidade de criar formas que permitam a sua representação. Assim, quando os limites gerados naturalmente pelo sistema de sentido e de valores que estruturam o quadro social perdem a sua legitimidade, multiplicam-se as explorações do ‘extremo’, como por ex., a necessidade de vivenciar situações de extrema precariedade como as que se encontram nas mais altas montanhas dos Himalaias. É neste contexto que, para Le Breton (2000), somente a morte solicitada simbolicamente, pode legitimar a existência. Ela é a instância geradora de sentido e de valor quando a ordem social se furta ao seu papel. Também Heywood (2006) considera que estes episódios transgressivos de tomadas de risco extremas têm um claro significado cultural. Na sua opinião, esses episódios representam esforços para chegar o mais perto possível de uma contingência de perigo.

Para além deste confronto com a morte, que pode ser socialmente reprovado dada a procura sistemática pela segurança ontológica, o alpinismo de alta montanha permite vivenciar situações de risco que providenciam sensações muito fortes, como a excitação, nos termos de Elias e Dunning (1992). Os alpinistas sentem, por isso, que estão a transgredir a ordem, no modo como Weber (1922) a concebe e, como tal, vivem momentos por si sentidos de transgressão. Com efeito, a organização social do controlo da excitação individual, no sentido de conter excitações apaixonadas em público, e até em privado, tornou-se mais forte e efectiva. De tal modo, que nas sociedades contemporâneas mais desenvolvidas estas demonstrações podem parecer desequilíbrios.

Porém, neste quadro, a transgressão não parece ser efectivamente real, pois a excitação vivida pode ser entendida dentro da função mimética do lazer a que se reportam Elias e Dunning (1992). Não obstante, é de realçar mais uma vez que o crescente controlo social ou mesmo o crescente estado de incerteza aumenta as dúvidas e até a infelicidade, advinda da racionalização generalizada. Neste contexto, não deixa de ser real a necessidade de transgressão que promove a busca de vivências extra-ordinárias do quotidiano, como por ex., a aventura.

A aventura no alpinismo de alta montanha

A aventura parece ter-se convertido numa figura de excelência, num novo modo de referência, demonstrando – tal como o risco, mesmo que imaginário – exercer um fascínio sobre os actores das sociedades contemporâneas. Também no alpinismo a aventura é um tema recorrente, representando para muitos participantes uma fuga genuína ao quotidiano, um pequeno, mas importante desafio às influências da racionalização.

A fuga ao quotidiano é, com efeito, uma das grandes funções da aventura indicadas por Simmel (1997): permite a descontinuidade com a vida quotidiana e possibilita quebrar com a rotina do dia-a-dia. A aventura, de acordo com o seu sentido intrínseco, é independente do ‘antes’ e do ‘depois’ e as suas fronteiras são definidas em relação a esses tempos. Assim, a aventura é como ‘uma ilha na vida’ que determina o seu princípio e fim, assentando no contraste às ligações fixas da vida quotidiana (Simmel, 1997). De facto, os alpinistas colocam de parte, mesmo que por um curto período de tempo, a sua vida quotidiana, recolhendo uma energia extra após a vivência de momentos extra-ordinários.

Este é um fascínio que se evidencia desde os séculos XVIII e XIX⁸, no desejo de romper com as convenções e os constrangimentos sociais que falseariam ou aniquilariam a nossa personalidade (Levinas, 2001). Esse desejo evoluiu até aos dias de hoje de forma veemente, até porque se terá acentuado a fragilidade

⁸ O alpinismo começou a desenvolver-se de forma mais marcada no século XIX, na Grã-Bretanha, com o espírito de aventura que começa a emergir do romantismo (Robbins, 1987).

e precariedade do sentido de identidade face à ausência de referências. Esta ausência de limites simbólicos promove uma procura individual de limites físicos no confronto com um mundo aparte do quotidiano. Os alpinistas procuram, então, uma saída do seu quotidiano, que é considerado por alguns asfixiante: “*gosto de mudar de vida e procurar experiências e vivências diferentes*”, de preferência “*num local remoto*”. A esta saída poderá aplicar-se o conceito de evasão no sentido que Levinas (2001) a concebe, o de aventura. Ou seja, como categoria de saída, inassimilável à renovação ou à criação, que é preciso mostrar em toda a sua pureza. Partir para a aventura consiste, essencialmente, em desistir de um mundo conhecido e de uma segurança do mundo habitual, para se aventurar num meio desconhecido. Esta autêntica partida coloca em relevo uma iniciativa pessoal, uma decisão lúcida que opera uma ruptura.

De certa forma, o alpinismo de alta montanha opera como interface entre as circunstâncias externas da época racionalizada, que minimizam o homem enquanto autor da sua própria experiência, e a possibilidade de o tornar, efectivamente, no autor da sua narrativa enquanto aventureiro. Nas palavras de um alpinista: “*é algo que expande o nosso livro pessoal e temos oportunidade de ser os autores da nossa vida*”. Esta afirmação detém o conceito de aventura em Simmel (1997), já que na autoria da narrativa individual emerge a ideia da aventura como um produto de concretização entre a actividade e a passividade, entre o que se conquista e o que nos é dado. É por esta razão que, apesar do sofrimento, das adversidades provenientes da contingência, o aventureiro, neste caso o alpinista, aceita o caminho a percorrer, projectando-se numa outra dimensão da sua existência, uma vez que a aventura se opõe à passividade. Porque o que no momento presente pode produzir o pior dos sofrimentos poderá ter um desfecho futuro que, por ser benéfico, trará prazer (Caeiro, 2002). A consequência, a ser benéfica, será, então, uma exaltação que representa uma tomada de consciência excitada de existir. De facto, a aventura do alpinismo é rica em emoções e auspicia uma vida plena de momentos extraordinários, nos quais é possível explorar os limites da própria condição humana e, assim, recusar uma identidade circunscrita.

No entanto, não são de todo inimagináveis circunstâncias que colocam o alpinista em condições limite, quase em proximidade com a morte. O alpinismo incorpora a possibilidade de testemunhar a morte de outros, bem como a antecipação da própria, real ou simbolicamente. Porém, esta antecipação ou proximidade, mesmo que simbólica, produz um sentimento que tem a faculdade antropológica de gerar o sentido, se se aceitar o desafio lançado (Le Breton, 2000). Do sucesso da investida nasce uma lufada de sentido correspondente a uma eficácia simbólica da existência. Viver uma aventura que se manifeste potencialmente próxima da morte, impulsiona a uma reflexão acerca da vida e da sua finitude (Lewis, 2000), sugerindo uma procura de sentido na própria vida.

A aventura do alpinismo está, igualmente, em relação directa com a experiência (plena) da corporalidade. Devido aos desenvolvimentos tecnológicos

que muito reduziram o movimento humano, a vida tornou-se automática e o corpo metropolitano, ou urbano, tornou-se um corpo reservado, fechado. Pelo contrário, quando, na alta montanha, o corpo do alpinista se abre ao mundo, experimenta-se experimentando. Adicionalmente, a taticidade permite-lhe ter sensações de comunhão com o mundo. Por esta razão, podemos dizer que a aventura pode ser, de facto, algo de extra-ordinário, dado que permite que o corpo viva, sinta e seja, efectivamente, o vector semântico⁹ da experiência (Le Breton, 2002).

A aventura como algo que permite uma ruptura com o quotidiano da vida moderna sob o ponto de vista da experiência corporal era já uma preocupação de Simmel. Já em finais do século XIX Simmel estava perfeitamente ciente do impacto da vida moderna no corpo e de como este fisiologicamente estava a ser enfraquecido, substituído e inscrito pela tecnologia. Simmel (2001) faz avisos quanto ao facto da vida metropolitana aparecer como um tipo de ambiente alienante, onde a sensação e o sentimento de se estar continuamente a ser bombardeado de objectos não cessa. Consequentemente, os corpos metropolitanos tornam-se insensíveis ou indiferentes ao mundo que os cerca. Assim, no seu texto sobre a aventura, Simmel (1997) tentava conceber uma técnica onde a alienação da vida moderna pudesse ser circum-navegada, mesmo que momentaneamente. Até porque o carácter corpóreo da aventura necessita, exige até, um corpo activo: um corpo em movimento.

Quando os alpinistas partem para a aventura na alta montanha, encontram uma forma de sentir e viver o seu corpo totalmente dispar do seu dia-a-dia, pois a sua actividade permite um modo de percepção que convida o corpo e todos os sentidos a estarem em harmonia com o seu ambiente. Conforme afirma Schneider (2002), lá em cima, no comumente designado ‘tecto do mundo’, tudo parece diferente de quando se está cá em baixo. Aquele que já esteve nas altitudes mais elevadas experimentou a vida em lentidão. Quanto mais alto se chega, mais lentos se tornam os movimentos e mais perceptível se torna a experiência corporal. Para além disso, a aventura, pelo seu carácter corpóreo, providencia a experiência dos sentidos e sensações e, consequentemente, uma estetização da própria experiência. Já na década de 1930, Mead (in Holyfield, 1999) se referia à aventura como uma ‘experiência estética’, simultaneamente emocional e significativa e mesmo essencial à vida moderna, porém desvalorizada.

O risco como estetização da experiência

A explicação do lazer de alto risco em termos sociológicos tende a concentrar-se nas propriedades catárticas da tomada de risco no contexto de incerteza inerente

⁹ Expressão utilizada por Le Breton (2002), significando que através da corporeidade o homem faz do mundo a medida da sua experiência.

às rápidas alterações sociais. Apesar de termos utilizado esses argumentos até ao momento, não podemos descurar as qualidades estéticas do alpinismo de alta montanha, dado que estas podem auxiliar a compreensão da tomada de risco. Na verdade, não podíamos ignorar Luc Ferry (2003, p. 31) quando afirma que “a linguagem contemporânea é a das ‘experiências vividas’”. Isto mesmo é perceptível no modo como alguns alpinistas se reportam à montanha; algo que lhes permite sentir a magnitude da natureza, promovendo arroubos de prazer pelo simples facto de se encontrarem naquele espaço natural, onde têm “*uma sensação de imensidão*”.

É facilmente reconhecível uma valorização estética ao ‘objecto’ da montanha, onde o Belo se torna proeminente. Porém, esta percepção estética não se confina ao ‘objecto’ alvo de contemplação, pois embora a contemplação da beleza envolvente seja algo que justifica a prática do alpinismo, a ‘experiência vivida’ é sobremaneira importante em toda a investida para a alta montanha. Certamente que na experiência vivida, o alpinista tem a oportunidade de experimentar sensações corporais no contacto com os elementos constituintes desse ambiente: sentindo o frio, o vento ou a neve, ou mesmo as luzes e os sons, ou simplesmente ‘escutando’ o silêncio. Nesta valorização estética, subentende-se uma valorização do corpo como lugar de experiência do mundo, em que este se torna num ‘lugar’ expressivo e se converte num lugar de reconquista de si, território a explorar, em busca de sensações inéditas. E, assim, pelo corpo, o alpinista abre-se ao mundo colocando-se em situação, para utilizar a expressão de Merleau-Ponty (1996), e as percepções adquiridas e sentidas como significativas na/pela experiência vivida na montanha conduzem o ‘vector semântico’ do seu corpo a uma concepção de corpo expressivo.

Neste contexto, pensamos que a reflexividade estética descrita por Lash¹⁰ (1993) se torna relevante para a compreensão da experiência do risco. A reflexividade estética é um tema central na cultura contemporânea, com ênfase no corpo e na experiência física como parte do *self* reflexivo, que permite que a experiência sensual e emocional seja reconhecida como inerentemente valiosa, sem ter que ser justificada em termos de resultados eficazes. Ao contrário das verdades proposicionais que são os juízos determinantes (os da racionalidade), os juízos reflexivos (estéticos) são estimativas baseadas em sentimentos de prazer e desprazer, mas também em sentimentos de choque, medo, repugnância, bem como de alegria. Estes juízos tomam lugar não na compreensão, mas através da imaginação e mais imediatamente através da sensação (Lash, 2000). Subjaz, portanto, uma ideia de gratuidade que é inerente ao conceito de estética, não tendo, por isso, nenhuma justificação racional para as sensações obtidas, por

¹⁰ Lash parte da diferenciação entre os juízos determinantes e estéticos que Kant desenvolveu nas suas ‘Críticas’.

ex., no alpinismo. Este mesmo argumento é utilizado por Stranger (1999), salientando que a estetização tem um papel fulcral ao providenciar um ambiente no qual as actividades autotélicas (nas quais englobamos o alpinismo) podem ser consideradas significativas e, por isso, livres de justificação racional. A reflexividade estética dá, portanto, primazia à experiência sensual: um ambiente condutor ao desenvolvimento do significado significativo no comportamento de tomada de risco.

Tal como para os *surfistas* do estudo de Stranger (1999), também para os alpinistas a procura de sensações e emoções é importante na orientação da sua actividade em relação à tomada de risco. Na perspectiva do autor, o *surf* é uma actividade de lazer de tomada de risco, não porque detenha um elevado grau de fatalidade ou resulte em sérias lesões, mas porque é principalmente procurado pelas emoções que envolve: uma busca que tipicamente envolve níveis críticos de risco. Algo que também acontece no alpinismo de alta montanha.

Nesta busca de emoções e sensações no alpinismo de alta montanha, o corpo está aberto e receptivo ao risco, pois experienciam-se esses acontecimentos de risco eventual através da sensação, através da percepção pura. Adicionalmente, ascender a uma alta montanha pode desencadear, entre outros sentimentos, o encantamento e a exultação. Não obstante, este encanto poderá transformar-se em algo aterrador, ou numa sensação mista de sofrimento e prazer no sofrimento, que pode ser incluído no sentimento de sublime descrito por Kant (1764): a sensação misturada de prazer e de terror. Assim, o sentimento do sublime pode ser o resultado da vivência de sensações de prazer na paisagem de uma montanha, mas acompanhadas de receio, quando o risco se torna potencialmente incontrolável. A Natureza pode apresentar-se, então, como fonte da ideia de sublime, caracterizada por um misto de deleite e de terror e situada num plano de forte emocionalidade. Nesta, sobressai a sua majestosidade, valorizando-se a tempestade, a tormenta, a encosta escarpada ou a montanha desmedida, isto é, os objectos de avaliação do sublime nos quais o medo e o desejo emergem. E, aparte da hipótese do objecto ser demasiado aterrador ao ponto de confundir esta síntese de emoções do sublime, o resultado provável de tal julgamento estético do risco é uma apreciação sublime do objecto e o desejo de se envolver com ele. Sem dúvida que o alpinista deseja sentir uma comunhão com a montanha durante a sua investida, sendo este um aspecto fundamental da sua experiência sob o ponto de vista estético. O mesmo é sublinhado por Stranger (1999) ao referir que os *surfistas* experienciam o sublime na união com o objecto da sua apreciação do sublime. Neste sentido, pese embora a ‘tomada de risco’ e a ‘procura de emoções’ não sejam sinónimos, a ligação entre ambos torna-se clara.

O êxtase sentido e vivido pelos alpinistas nas suas experiências na alta montanha não lhes permite, no entanto, reflectir sobre elas. Eles apenas as vivem, percebendo-se, por isso, uma forma estetizada da experiência sem necessidade dos tais juízos determinantes inerentes à racionalidade. Sobressai, então, uma

ideia de sensibilidade e sentimento que parece ser, manifestamente, uma oposição à racionalidade ‘imposta’ na modernidade. Ao alcançarem o êxtase promovido pelo risco vivido e, o eventual, temor inerente ao sublime, os alpinistas desfrutam de um imenso prazer advindo da sua entrega e empenhamento total que lhes permite uma forma de transcendência. É neste contexto que actividades como o alpinismo de alta montanha detêm como um dos principais objectivos a transcendência. Neste caso, o risco não é necessariamente um factor de alcance da transcendência, é simplesmente um catalizador muito efectivo para alcançar essa mesma transcendência.

O alpinismo de alta montanha como forma de superação e transcendência

O risco como catalizador da transcendência permite que o alpinista se supere a si próprio. Uma superação que se entrevê na necessidade de ultrapassar obstáculos e que, na realidade, se constitui numa preocupação fundamental do homem. Este é um aspecto deveras relevante, já que o alpinismo representa, na sua génese, a tentativa de conquistar o absolutamente grande da natureza, quantificável nas mais altas montanhas, ou qualificável nas rotas cada vez mais complexas. Com efeito, existem registos desde a época vitoriana acerca das altitudes alcançadas e das rotas empreendidas¹¹. Esta condição mantém-se, pois os alpinistas persistem em conferir grande importância aos graus de dificuldade já efectuados, bem como às altitudes máximas atingidas, elementos concretos que lhes permitem uma avaliação pessoal em relação à sua prestação.

A superação contínua é uma necessidade intrínseca ao homem. Não fosse a necessidade de um progresso contínuo, e talvez a ideia de humanidade fosse diferente. Não é, portanto, de estranhar que o alpinista sinta essa urgência de se exceder e conhecer os seus limites. Esta necessidade de superação contínua no alpinismo coloca-o a par do ‘desporto moderno’ que, sendo uma actividade eminentemente reflexiva, desvela na sua prática elementos particulares da modernidade, designadamente, o progresso contínuo e a superação. Esta ideia de progresso ilimitado é consubstanciada no ‘desporto moderno’ pela ideia de recorde e que, no alpinismo, se torna patente pela necessidade de concretizar expedições a montanhas cada vez mais altas ou com um grau de dificuldade cada vez maior. De facto, o alpinista esforça-se por subir mais alto, por encontrar vias de acesso nunca antes experimentadas – fórmulas de performances originais. Está dominado pela ideia de começar, de ser o primeiro, num sentido diferente do da competição, mas que introduz uma ideia de profunda competição (Bouet,

¹¹ Para uma revisão em relação à história do alpinismo sugerimos a leitura de trabalhos como os de Williams e Donnelly (1985) ou Sale e Cleare (2001).

1968). Apesar de não existir uma luta contra uma terceira parte no alpinismo de alta montanha, existe um compromisso e uma vontade pessoal muito fortes: ultrapassar o sofrimento indo até ao limite imposto por si próprio. Por esta razão, o alpinismo pode ser entrevisto como uma forma de transcendência.

De qualquer modo, a ambição humana de chegar sempre mais longe e sempre mais alto, não deixa de ser questionável no caso do alpinismo de alta montanha, dado que o preço a pagar pode ser a própria morte. Nas montanhas acima dos 8000m, o alpinista encontra-se na chamada ‘zona de morte’¹², onde a ‘mera’ sobrevivência é uma luta que se torna, muito frequentemente, em vão. No Evereste, conforme expressa a maioria dos alpinistas depois de voltar, é muito pouco o que separa a vida da morte. A proximidade aos limites é brutal. Subir uma montanha gelada é sentir o frio em forma de faca, é ser objecto de todo um conjunto de transformações fisiológicas e bioquímicas que vão adaptando o corpo até limites de elasticidade biológica que, quando rompem, deixam o utente desse corpo em muito maus lençóis (Cunha e Silva, 1997).

É neste contexto que Cunha e Silva (1997, p. 153) questiona: “O que faz um corpo entrar em conflito aberto com a gestão elementar da sua natureza? O que faz um corpo correr todos os riscos para se ultrapassar?” Talvez apenas isso, a necessidade de se ultrapassar, de não ficar confinado a si próprio, às quatro paredes da sua anatomia (*idem*). De facto, para os alpinistas, a superação contínua e o teste às suas capacidades é um dos objectivos mais importantes para a sua prática. Esta ideia é reiterada por Lupton e Tulloch (2002a; 2005) ao referirem que a tomada de risco voluntária, para os entrevistados dos seus estudos, está intimamente implicada nas noções de fronteira dos seus corpos. Até onde podem puxar por si próprios e quais os seus limites, são razões para procurar actividades que lhes permitam ultrapassar essa fronteira. São razões claramente legítimas, as da busca pelos limites pessoais, uma vez que o limite é uma necessidade antropológica. A tentativa de ir mais longe, elevar o seu recorde, colocar-se no ponto mais inacessível e ‘forçar’ de vez em quando o corpo são modos de legitimar a existência deposta sobre o esforço, sem o qual a vida não mais teria sentido (Le Breton, 2000). Mas não é um esforço qualquer. Sem dúvida que as condições encontradas na alta montanha são muito adversas aos humanos, não só pela imprevisibilidade do meio, que sugere riscos objectivos e condições de hipóxia, às quais nem sempre se sobrevive e que aumentam sobremaneira os estados de fadiga total mas, igualmente, por todo o desconforto inerente às muito baixas temperaturas. “*Chega a ser tanto frio que é inumano!*” Por isso, os alpinistas chegam a questionar-se “*o que é que estou a aqui a fazer?*”

¹² A ‘zona de morte’, acima dos 8000m, é uma zona onde o ser humano tem poucas possibilidades de sobrevivência. Daí que o lema do alpinista seja, usualmente, estar aí o menos tempo possível, apenas o necessário para alcançar o cume e de imediato regressar a altitudes mais baixas.

Faz, portanto, sentido, falar em sofrimento, pois como referem muitos alpinistas, “*quando estamos lá, estamos a sofrer*”. Porém, não é um sofrimento inibidor, nem uma situação acabada, mas antes uma situação de encaminhamento, de passagem para algo superior: a superação ou a transcendência pessoal. Porque quando se chega ao cume, a recompensa é muito grande. Quando se está no cume do Everest, “*percebemos que já não há objectivo mais alto para escalar!*” Ao ter em vista o cume, o tempo seguinte, nas palavras de Caeiro (2002, p. 150), “o sofrimento que é vivido no momento presente transfigura-se e é vivido como encaminhamento para uma determinada possibilidade que faz sentido”. É por este motivo que a maioria dos alpinistas volta. Apesar de viverem situações extremas de sofrimento ou até assistirem à morte de companheiros, a verdade é que encetam novas expedições em busca de novas conquistas.

Reconhecimento social e Distinção

Finalmente, a tomada de risco no alpinismo de alta montanha, com todas as razões invocadas e até como forma de vida (como referem muitos alpinistas que se dedicam quase exclusivamente às suas expedições), resulta num reconhecimento social equiparável ao de um herói. Tal como outros heróis, o alpinista submete-se a provas que o encaminham ao mais alto. Como numa dramatização mítica, no alpinismo (tal como noutras actividades desportivas¹³) vivem-se três provas até à consagração do herói. Numa primeira prova, a de qualificação, são escolhidos os heróis para a prova principal. A partida para uma expedição ao Everest, por ex., implica toda uma preparação que demonstra quem estará ou não apto para a investida. Na prova principal – a ascensão –, terão que ser vencidos os obstáculos da caminhada e da escalada e os vários perigos inerentes ao próprio meio, no fim da qual, com a chegada ao cume, se realiza a prova glorificante. O reconhecimento e a *consagração* do alpinista será posterior, com o seu regresso ao campo base, onde, são e salvo narrará o seu acto heróico.

Esta caracterização está marcada pelo arquétipo do herói. Porém, porque o processo de fabricação mítica de hoje não difere da do passado, podemos legitimamente comparar os campeões desportivos contemporâneos (neste caso, os alpinistas) com os heróis que se configuram como arquétipos. Ainda assim, no contexto actual, o herói não fascina tanto pelas suas qualidades nobres, mas pelos seus feitos, como os recordes, ou as marcas extraordinárias do alpinismo de alta montanha: elementos que representam um foco racional e científico, no que é mensurável e concreto. De qualquer modo, no alpinismo de alta montanha, mais do que um recorde mensurável, acontecem muito frequentemente ‘estreias’, na medida em que se é o primeiro a fazer uma ascensão por esta ou aquela via,

¹³ Permitimo-nos fazer uma analogia à interpretação que Garcia (1993) efectuou em relação à prova da maratona.

ou porque se empreende uma expedição a tal montanha pela primeira vez na época de Inverno. E esta ‘estrela’, contrariamente aos recordes atléticos, onde há um presente destruidor do passado, será sempre a mais difícil, porque enfrenta o desconhecido (Bouet, 1968).

Alguns alpinistas ficam, então, na história como ‘heróis’, não apenas porque atingem o ponto mais alto da terra mas, igualmente, porque preconizam como objectivos, alcançar o conjunto de todos os cumes mais altos, chegar ao topo de todas as montanhas acima dos 8000m ou, ainda, ascender ao cume mais alto de cada continente¹⁴. Estabelecem, dessa forma, um feito memorável, o recorde: uma singularidade, uma distinção... De certa forma, acabam por corresponder às condições (quase impostas) da modernidade reflexiva: constroem e re-constroem as suas narrativas, escrevem e re-escrevem, numa actualização contínua, o seu projecto reflexivo.

Considerações finais

Parece ser consensual que as nossas sociedades também se caracterizam por serem de risco, sendo vários os autores que têm contribuído para a discussão desta temática, entre os quais Beck e Giddens. Apesar de as suas abordagens serem cruciais para a compreensão da ‘sociedade de risco’, nem sempre tomam em consideração o modo como as pessoas inseridas num dado contexto cultural e com experiências diferenciadas percebem e definem o risco. É neste contexto que autores como Lash defendem a importância de se pertencer a um grupo para a estruturação das respostas ao risco. O mesmo é sugerido por estudos mais recentes influenciados por M. Douglas, por exemplo, nos quais se sustenta a ideia de que a ‘cultura’ é crucial para a percepção do risco.

Pese embora existir algum acervo no âmbito desta temática, a verdade é que ainda há muito por investigar no que diz respeito aos modos como as pessoas percebem e definem o risco. Uma das razões para esta lacuna está relacionada com a falta de consenso em torno do conceito. Ainda assim, todos os conceitos de risco detêm em comum a distinção entre realidade e possibilidade, estando este conceito frequentemente associado à possibilidade de ocorrerem acontecimentos indesejados como resultado das actividades humanas ou de causas naturais. Não obstante, o risco também acarreta a possibilidade de alcançar as vantagens esperadas. De entre as muitas esferas de acção humana, encontramos no desporto essa mesma possibilidade. O caso do alpinismo, aqui em reflexão, é disso mesmo ilustrativo.

¹⁴ É o caso de João Garcia que, com o projecto ‘À conquista dos Picos do Mundo’, pretende cumprir até 2010 a proeza de alcançar o cume das 14 montanhas acima dos 8000 m e, assim, entrar na elite dos melhores alpinistas do mundo.

Procurámos, então, desenvolver uma reflexão em torno da tomada de risco no alpinismo de alta montanha, na qual tivemos em conta alguns dos possíveis sentidos expostos para essa tomada de risco. Começámos por considerar que num mundo que se pauta pelo controlo crescente da vida privada, onde a sensação de perda de autonomia se torna cada vez mais premente, o alpinismo providencia uma oportunidade de agência pessoal, através da possibilidade de uma escolha. Algo que sugere a ideia (ou ilusão) de dominação pessoal e controlo individual. Esta escolha individual também se repercute, dada a sensação de controlo da excitação individual pela organização social, na possibilidade de viver momentos sentidos de transgressão. De facto, pode dizer-se que o confronto que os alpinistas estabelecem com a morte ameaça a organização básica da sociedade, já que esta quase foi removida do espaço público. Adicionalmente, a emoção gerada por este potencial confronto e com as demais situações de risco parecem fazer emergir nos alpinistas um sentimento de transgressão da ordem, no sentido que Weber o concebe.

Esta necessidade de transgressão traduz-se, inevitavelmente, na busca continuada de busca de vivências extra-ordinárias do quotidiano, como por ex., a aventura. A fuga ao quotidiano é, aliás, uma das funções da aventura, pois permite uma descontinuidade com a vida quotidiana. De certa forma, os alpinistas respondem ao fascínio e desejo de romper com as convenções e os constrangimentos sociais que se têm vindo a sentir desde há dois séculos, partindo para a aventura num meio desconhecido e humanamente hostil. Esta iniciativa pessoal, que pode operar uma ruptura, permite que o alpinista se torne no autor da sua narrativa enquanto aventureiro.

A aventura permite, igualmente, ao alpinista vivenciar experiências corporais totalmente díspares das do seu quotidiano, quanto mais não seja pelo contraste existente entre o frenesim do quotidiano e a lentidão vivida em ambientes de elevada altitude. Este carácter corpóreo da aventura providencia, portanto, a experiência dos sentidos e sensações e, conseqüentemente, uma estetização da própria experiência. Daí que possamos entender o alpinismo de alta montanha sob o ponto de vista da reflexividade estética, a partir da qual se reconhece a experiência sensual e emocional como intrinsecamente válida.

A estetização da experiência é, com efeito, algo cada vez mais presente nas nossas sociedades e o alpinismo surge como um ambiente onde o corpo está aberto e receptivo ao risco, experienciando-se os acontecimentos de risco eventual através da sensação, através da percepção pura. Sobressai, aqui, uma ideia de sensibilidade e sentimento que parece ser, manifestamente, uma oposição à racionalidade 'imposta' na modernidade.

O risco vivido na montanha, ou melhor, a superação do risco e a superação contínua de obstáculos são, também, elementos importantes de reflexão para a tomada de risco no alpinismo de alta montanha. O facto de o alpinista procurar conhecer e exceder os seus limites continuamente remete-nos para

uma necessidade intrínseca da própria humanidade, a de superação contínua. A sua tentativa de ir mais longe, elevar o seu recorde e de se colocar no ponto mais inacessível podem ser entendidos como formas de transcendência pessoal, formas estas que poderão resultar em reconhecimento social e distinção. Foi com este reconhecimento social que comparámos o alpinista ao arquétipo do herói, na medida em que o alpinismo de alta montanha, por todas as suas exigências, quase preceitua uma dramatização mítica para a consagração do alpinista. E, de facto, alguns alpinistas, por todos os seus feitos singulares, ficam na história como ‘heróis’.

Apesar dos sentidos expostos para a tomada de risco no alpinismo de alta montanha estarem inevitavelmente interligados, a distinção efectuada poderá enriquecer as reflexões em torno da tomada de risco voluntário, não só nesta actividade, mas em muitas das que são consideradas de risco. Pensamos, igualmente, que esta forma multifacetada de compreensão da tomada de risco no alpinismo destaca o facto do alpinista, como pessoa que é, ser um ser global, multidimensional. Uma pessoa que busca controlar a sua vida, mas que pode, simultaneamente, procurar a transgressão à sua existência ordinária. E uma forma de o fazer é evadir-se e partir para a aventura, na busca do extraordinário na alta montanha. Um ambiente que, pela sua peculiaridade, possibilita a vivência e experiência de sensações que podem parecer contraditórias, mas que se complementam. A grandiosidade e imensidade da montanha proporcionam sensações de prazer, mas os riscos inerentes ao próprio ambiente podem conduzir ao temor de não controlar o risco. Mas esse controlo pode resultar num momento sublime, onde prazer e receio se conjugam e culminam na superação ou mesmo transcendência para um estado, de tal forma distinto do ordinário ou banal, que pode ser o de heroicidade.

Referências bibliográficas

- Beck, U., *Risk Society: Towards a New Modernity* (Reprinted 2000). London: Sage Publications, 1992.
- Beck, U., “A reinvenção da política. Rumo a uma teoria da modernização reflexiva”, in U. Beck, A. Giddens, S. Lash (Eds.), *Modernização Reflexiva*. Oeiras: Celta Editora, 2000a, pp. 1-51.
- Beck, U., “Risk Society Revisited: Theory, Politics and Research Programmes”, in B. Adam, U. Beck, J. Loon (Eds.), *The Risk Society and Beyond. Critical Issues for Social Theory*. London: Sage Publications, 2000b, pp. 211-229.
- Bouet, M., *Signification du sport*. Paris: Éditions Universitaires, 1968.
- Cairo, A., *A Areté como possibilidade extrema do humano*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2002
- Cunha e Silva, P., “Anatomias contemporâneas”, in Câmara Municipal de Oeiras (Ed.), *Anatomias contemporâneas. O corpo na arte portuguesa dos anos 90*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1997, pp. 49-165
- Donnelly, P., “Take my word for it: trust in the context of birding and mountaineering”, *Qualitative Sociology*, 17(3), 1994, 215-241.
- Douglas, M., Wildavsky, A., *Risk and Culture: An essay on the selection of technological and environmental dangers*. California: University of California Press, 1983.

- Elias, N., Dunning, E., *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.
- Ferry, L., *Homo Aestheticus*. Coimbra: Almedina, 2003.
- Garcia, R. (1993). *O desporto no universo mítico-religioso: os modelos existenciais revelados pela corrida maratona*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto, Porto.
- Giddens, A., *As consequências da modernidade*. Oeiras: Celta Editora, 1995, 2ª ed.
- Giddens, A., “Viver numa sociedade pós-tradicional”, in U. Beck, A. Giddens, S. Lash (Eds.), *Modernização Reflexiva*. Oeiras: Celta Editora, 2000, pp. 53-104.
- Giddens, A., *O mundo na era da globalização*. Lisboa: Editorial Presença, 2001a, 3ª ed.
- Giddens, A., *Transformações da intimidade*. Oeiras: Celta Editora, 2001b, 2ª ed.
- Heywood, I., “Climbing monsters: excess and restraint in contemporary rock climbing”, *Leisure studies*, 25(4), 2006, 455-467.
- Hochachka, P., “Mechanism and evolution of hypoxia-tolerance in humans”, *J Exp Biol*, 201(Pt 8), 1998, 1243-1254.
- Holyfield, L., “Manufacturing adventure. The buying and selling of emotions”, *Journal of Contemporary Ethnography*, 28(1), 1999, 3-32.
- Hultgren, H., *High Altitude Medicine*. California: Hultgren Publications, 1997.
- Kant, I., *Observations on the feeling of the beautiful and sublime*. California: University of California Press, 1764, ed. 1960, reprinted 1991.
- Lash, S., Reflexive modernization: the aesthetic dimension. *Theory, Culture & Society*, 10, 1993, 1-23.
- Lash, S., “Risk Culture”, in B. Adam, U. Beck, J. Loon (Eds.), *The Risk Society and Beyond. Critical Issues for Social Theory*. London: Sage Publications, 2000, pp. 47-62.
- Le Breton, D., *Passions du risque*. Paris: Éditions Métailié, 2000.
- Le Breton, D., *La sociologie du corps*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002, 5ª ed.
- Levinas, E., *Da Evasão*. V.N. Gaia: Estratégias Criativas, 2001.
- Lewis, N., “The climbing body, nature and the experience of modernity”, *Body and Society*, VI (3-4), 2000, 58-80.
- Lupton, D., Tulloch, J., “Life would be pretty dull without risk’: voluntary risk-taking and its pleasures”, *Health, Risk & Society*, 4(2), 2002a, 113-124.
- Lupton, D., Tulloch, J., “Risk is part of your life: Risk epistemologies among a group of Australians”, *Sociology*, 36(2), 2002b, 17-334.
- Lyng, S., “Edgework: a social psychological analysis of voluntary risk taking”, *AJS*, 95(4), 1990, 851-886.
- Merleau-Ponty, M., *Fenomenologia da percepção*, S. Paulo: Martins Fontes, 1996, 2ª ed.
- Pereira, A., *Para uma visão fenomenológica do corpo contemporâneo. Contributo a partir do alpinismo e das ginásticas de academia*. Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física - Universidade do Porto, Porto, 2004.
- Pereira, A., “The experience of risk in high-altitude climbing”, *World Leisure*, 47(2), 2005a, 38-49.
- Pereira, A., “O alpinismo: uma experiência no (pelo) corpo”. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5(3), 2005b, 311-321.
- Peretti-Watel, P., *Sociologie du risque*. Paris: Armand Colin, 2003.
- Renn, O., “Three decades of risk research: accomplishments and new challenges”, *Journal of Risk Research*, 1(1), 1998, 49-71.
- Robbins, D., “Sport, Hegemony and the middle class: the Victorian Mountaineers”, *Theory, Culture & Society*, 4(1987), 1987, 579-601.
- Sale, R., Cleare, J., *Los techos del mundo. Historia de las ascensiones a las 14 cumbres más altas de la tierra*. Madrid: Ediciones Desnivel, 2001.
- Schneider, M., “Time at High Altitude. Experiencing time on the roof of the world”, *Time & Society*, 11(1), 2002, 141-146.
- Shilling, C., *The body and social theory*, London: Sage Publications, 1997, 3ª ed.
- Simmel, G., *Simmel on Culture*. D. Frisby, M. Featherstone (ed.). London: Sage Publications, 1997.

- Simmel, G., "A metrópole e a vida do espírito", in C. Fortuna (Ed.), *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Editora, 2001, pp. 31-43.
- Stranger, M., "The aesthetics of risk", *Int. Rev. for Soc. of Sport*, 34(3), 1999, 265-276.
- Teixeira Fernandes, A., "Níveis de confiança e sociedade de risco", *Sociologia - Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 12, 2002, 185-202.
- Tierney, K., "Toward a critical Sociology of Risk", *Sociological Forum*, 14(2), 1999, 215-242.
- Tulloch, J., Lupton, D., *Risk and everyday life*. London: Sage Publications, 2005.
- Weber, M., *Conceitos sociológicos fundamentais*. Lisboa: Edições 70, 1922, ed. 2001.
- Williams, T., Donnelly, P., "Subcultural production, reproduction and transforming climbing", *Int. Rev. for Soc. of Sport*, 20(1-2), 1985, 3-17.

Abstract

This paper emerges after the lost of one Portuguese climber, who died in his descent from Shishapangma, one of the 14 mountains in Himalayas. Taking into account this climber's death and all the others that are not reported, the issue of risk in sport and physical activities, like climbing, is noteworthy. This paper attempts to redress this imbalance through an approach to voluntary risk-taking in high-altitude climbing, where risk can be seen as part of the activity or even as an end. For this intent it is crucial to consider what does this activity signifies to its adherents, analysing the ways in which this activity is invested with and how these meanings may change. After a brief characterization of high-altitude climbing as a risky activity, our paper it is divided in the following sections: i) Control of risk vs. control of life; ii) Risk-taking as a form of transgression; iii) Adventure in high-altitude climbing; iv) Risk as an aestheticization of the experience; v) High-altitude climbing as a form of transcendence and self-overcoming and vi) Social recognition and distinction. This enumeration did not have the goal to isolate meanings; however our reflection allowed perceiving that they are all linked.

Key-words

Risk, high-altitude climbing, meanings of practice

Résumé

On écoute parler fréquemment de la mort d'alpinistes qui essaient monter en hautes montagnes. En 2006 cela est arrivé à un alpiniste portugais pendant la descente du Shishapangma, une des 14 montagnes de l'Himalaya avec plus de 8000m. Vu le décès de cet alpiniste, et de tant d'autres qui restent dire, nous pensons que la thématique du risque dans le contexte de certaines activités physiques et sportives, entre lesquelles l'alpinisme, continue très actuel. Ainsi, notre objectif est aborder le risque dans le contexte des activités physiques et sportives, plus précisément dans l'alpinisme de haute montagne, comme élément inhérent à la pratique elle-même. Ça veut dire, le risque en tant que part intégrant et même but de la pratique elle-même. Pour cela, on prend en considération ce que cette activité signifie pour ceux qui la pratiquent, en analysant les façons comme ces significations sont investies. Après avoir fait une brève caractérisation de l'alpinisme de haute montagne en tant que pratique de risque, notre parcours s'effectue avec les points suivants : i) control du risque vs control de la vie ; ii) la prise du risque comme forme de transgression ; iii) l'aventure dans l'alpinisme de haute montagne ; iv) le risque comme esthétisation de l'expérience ; v) l'alpinisme de haute montagne comme forme de surpassement et de transcendance et vi) reconnaissance sociale et distinction. Cette énumération n'a pas eu comme objectif d'isoler les sens et les significations, mais la façon dont la discussion et la réflexion se sont développées a permis percevoir la relevance de l'interdépendance dans la compréhension du phénomène.